



O apagamento do nome *próprio* como traço da escrevivência: Silviano Santiago e as *Mil rosas roubadas*

Pedro Henrique Alves de Medeiros* e Edgar Cézar Nolasco

Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Av. Costa e Silva, 79070-900, Pioneiros, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com

RESUMO. Este trabalho tem por objetivo propor uma série de reflexões biográfico-metafórico-ficcionais baseadas no apagamento do nome *próprio*/assinatura do narrador do romance *Mil rosas roubadas* (2014) do escritor mineiro, crítico literário e ensaísta Silviano Santiago. Esse estudo emerge da compreensão do nome *próprio*/assinatura enquanto traços, passíveis de serem apagados, de uma escrevivência atravessada por personificações das ausências a partir da morte e do ato de sobreviver (Silviano Santiago) à perda de um amado (Ezequiel Neves). Para isso, nos respaldaremos, essencialmente, na crítica biográfica (Souza, 2002, 2011) (Nolasco, 2010, 2018) e nos pressupostos filosóficos de Jacques Derrida e Geoffrey Bennington como base epistemológica da discussão fundamentada, sobretudo, nos conceitos de nome *próprio*/assinatura (Bennington, 1996) (Derrida, 1995, 1996, 2009), traço (Amaral, 2000) (Derrida, 2014) e escrevivência (Evaristo, 2017a). Para além dos críticos já mencionados no referencial teórico, também nos valeremos de Roland Barthes e de Martin Heidegger para circunscrever nossas considerações em instâncias e jogos de linguagens próprios à teorização crítico-biográfica que ensejamos nesse artigo. Portanto, no tocante aos resultados esperados, buscaremos explicitar que o traço, contido no nome *próprio*/assinatura, não pode ser a origem nem o fim, mas, sim, um elemento que desaparece-reaparecendo simultaneamente. Sendo assim, ainda que Silviano apague sua assinatura no *corpus* literário do romance *Mil rosas roubadas*, sua escrevivência o transpassa indo além do apagamento e avançando o nome *próprio*, que, pelo contrário, é impróprio, por excelência.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea; crítica biográfica; Silviano Santiago.

The erasure of the *proper* name as a trace of 'escrevivência': Silviano Santiago and the *Mil rosas roubadas*

ABSTRACT. This work aims to propose a series of biographic-metaphoric-fictional reflections based on the *proper* name/signature erasure of the narrator in the novel *Mil rosas roubadas* (2014) wrote by the Brazilian (from Minas Gerais), literary criticist and essayist Silviano Santiago. This study emerges from the *proper* name/signature comprehension as traces that can be erased, of an 'escrevivência' crossed by presentifications of the absences from the death and the act of surviving (Silviano Santiago) to the loss of someone loved (Ezequiel Neves). In this way, we will take, as a support, the biographical criticism (Souza, 2002, 2011) (Nolasco, 2010, 2018) and the philosophic assumptions made by Jacques Derrida e Geoffrey Bennington as an epistemological basis of our discussions. It will be justified, mainly, through the concepts of *proper* name (Bennington, 1996) (Derrida, 1995, 1996, 2009), trace (Amaral, 2000) (Derrida, 2014) and 'escrevivência' (Evaristo, 2017a). Beyond the mentioned criticists at the theoretical referential we will take, as a support, Roland Barthes and Martin Heidegger to circumscribe our considerations in instances and games of proper languages to a critic biographic theorization which we pursue in this essay. Therefore, regarding the expected results, we will try to make it explicit that the line contained in the *proper* name/signature can neither be the origin nor the end but rather, an element that disappears and reappears simultaneously. Thus, even though Silviano erases his signature in the literary *corpus* of *Mil rosas roubadas* novel, his 'escrevivência' goes beyond himself going further the erasure and advancing his *proper* name, which, on the other hand, is inappropriate, for excellence.

Keywords: brazilian contemporary literature; biographic criticism; Silviano Santiago.

Received on December 20, 2019.

Accepted on June 4, 2020.

Introdução

A crítica biográfica praticada por mim [...] possibilitou a revisão das associações entre arte/vida, teoria/ficção e teoria/vida. A congruência/separação entre os dois polos se explica pelo gesto de estar a relação comandada pelo sentimento ético promovido pela experiência vivenciada tanto na prática teórica quanto vital (Souza, 2016, p. 223).

Precisamos aprender a falar do *bios* e do corpo; afinal ‘uma pesquisa tem alma’ (Nolasco, 2018, p. 18, grifo nosso).

É a partir da retomada crítico-metafórica da figura do escritor (Souza, 2011) e da inserção do intelectual no texto teórico (Nolasco, 2010), subsidiadas pela crítica biográfica (Souza, 2002, 2011), que este artigo se delinea e emerge. Como as epígrafes apostas sugerem, nossas reflexões endossam um lócus de enunciação epistêmico que prima por questões pertinentes à vida, isto é, ao *bios* dos sujeitos envolvidos no processo de produção do(s) saber(es). Esse, por sua vez, se constrói pela inter-relação entre vida, obra, cultura, sensibilidades, presenças, ausências etc. tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Entendemos, portanto, que se há alma em uma pesquisa, existem corpos, ontológicos e discursivos, que a carregam subsidiados por narrativas e sensibilidades que se escre(vi)vem de maneira metafórica no nosso fazer teórico.

Dessa forma, o objetivo deste texto é descortinar uma série de reflexões que emerge a partir da ausência, falta ou apagamento do nome *próprio*¹/assinatura do narrador do romance *Mil rosas roubadas* (2014), de Silviano Santiago. Para tal, nos abalizaremos, majoritariamente, na epistemologia crítica biográfica engendrada por Eneida Maria de Souza e Edgar César Nolasco; ademais, nos assentaremos em saberes outros que, em sua primazia, não são oriundos dessa perspectiva teórica, mas que podem ser alinhados a ela devido à viabilidade de diálogo que possibilitam com a crítica do *bios*. Dentre esses saberes, se enquadram os conceitos que nortearão o debate que ensejamos, tais como: a escrevivência, proposta pela intelectual e escritora Conceição Evaristo, o nome *próprio*/assinatura e o traço, pensados e discutidos pelo filósofo Jacques Derrida e Geoffrey Bennington.

A justificativa desse trabalho se embasa, sobretudo, na inquietação que nos causa a falta ou o apagamento do nome *próprio* do narrador de *Mil rosas roubadas*, tendo em vista que a literatura de Silviano Santiago é explícita e abertamente autobiográfica² – a seguir nos debruçaremos mais a fundo nessa questão à luz do conceito de escrevivência. Diante disso, para dar conta do debate que o desassossego instaurado pelas *Mil rosas roubadas* ecoa em nós, na posição de leitores e críticos biográficos, lançaremos mão de articular o debate sobre o/a partir do nome *próprio* e da assinatura tomando-os enquanto traços, facilmente apagáveis (Amaral, 2000), da escrevivência de Silviano Santiago no romance citado.

Uma possível condição para compreender o apagamento do nome *próprio* e da assinatura do narrador-biógrafo-amigo-sobrevivente das *Mil rosas roubadas* é tomar tal movimento segundo o ponto de vista derridiano de traço que é livre, precário, múltiplo de possibilidades, inscrito, desaparecido, presente e, logo, ausente: “Traços que marcam sua presença com uma ausência [...]” (Amaral, 2000, p. 31). Assim, no cenário das possibilidades críticas, julgamos necessário ressaltar que essa correlação estabelecida por nós entre os conceitos só se faz possível devido ao:

[...] repensar a leitura como uma relação de assinatura e de contra-assinatura, o que permite pensar no que um texto permanece essencialmente aberto ao outro (à leitura). A assinatura do texto reclama a contra-assinatura do leitor [e/ou do crítico], como acontece com toda assinatura: vê-se melhor, agora, que a contra-assinatura que ela reclama é essencialmente a contra-assinatura do outro, ainda que seja eu mesmo [...] pensa-se agora como um jogo de assinaturas se contra-assinando, e, logo, engajando-se mutuamente (Bennington, 1996, p. 117).

Considerando a leitura enquanto esse movimento de assinatura e contra-assinatura, ao nos propormos a pensar e aquilatar reflexões epistêmicas para o sentimento de inquietação que nos assolou, *a priori*, pela condição de leitores das *Mil rosas roubadas*, contra-assinamos duas vezes o romance: não só o lemos, como produzimos sobre e a partir dele, e é essa abertura do texto que nos possibilita a indagação do nome *próprio* e da assinatura pelo viés de traços imbricados em uma escrevivência latente. Outro viés angariado por esses jogos múltiplos de leituras, visões e (contra)assinaturas (epistêmicas) é a possibilidade de interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos (como a dissociação autor/obra, por exemplo), uma vez que, partindo do ponto de vista epistêmico da crítica biográfica, assumimos e englobamos a complexa relação entre obra/autor ao estabelecermos e construirmos pontes metafóricas entre os fatos e a ficção (Souza, 2002).

¹ Na esteira de Geoffrey Bennington (1996), o uso do ‘*próprio*’ grafado em itálico se justifica pelo fato de não existir, de fato, nomes próprios. Para o autor, isso a que conclamamos de nome ‘*próprio*’ pode designar este ou aquele indivíduo por vias de um sistema de diferenças aquilatado por traços passíveis de desaparecimento.

² O ensaio ‘Meditações sobre o ofício de criar’, de Silviano Santiago (2008), versa sobre a relação de sua literatura com os seus dados autobiográficos.

A ideia, à la proposição dos jogos de linguagens, é considerar os dados factuais ou ficcionais como metáforas sem que se suponha algum desvio em relação à ‘verdade factual’ (Souza, 2011) empírica³. Há, conforme Eneida Maria de Souza assente em *Janelas indiscretas* (2011), uma dicção situada entre a teoria e a ficção que é dada como marca sensível/pessoal de cada crítico. No bojo dessa visada teórica, nossa dupla contra-assinatura no texto de Silviano se explicita como um direito epistêmico-biográfico o qual construímos para nós, para ir aonde não podemos ir, no impossível, no único modo de ir e vir. Conforme Derrida, (1995, p. 63) em *Salvo o nome*, é “Ir aonde é possível não ir, é já estar lá [...]”.

Portanto, espera-se delinear, pelo crivo da crítica biográfica e seus desdobramentos, leituras que contemplem as inter-relações metafórico-biográficas entre os conceitos de nome *próprio*/assinatura, traço e escrevivência alicerçados pelo romance *Mil rosas roubadas*, do escritor mineiro. Silviano propõe um jogo de linguagem escreviente em que as instâncias autobiográficas e ficcionais flertam a fim de abrir um crédito para si (Derrida, 2009) e configurar uma con(fusão) (Evaristo, 2017b) entre escrita e vida consciente em sua literatura – ressalta-se que além de escritor, Silviano é crítico literário e ensaísta.

O romance das ausências *Mil rosas roubadas*

Escreve-se quando não se pode falar, quando obstáculos contingentes, que reduziremos a diversas formas da distância, impedem a voz de portar (Bennington, 1996, p. 39).

Escrita por ele, minha biografia, nossa autobiografia seria fusão. Pura luz. Escrita por mim, sua biografia, nossa autobiografia. Não sei se algum escritor chegou a pensar em escrever sua própria vida com a memória real que o outro tinha dela. Se tivesse sido possível associar as lembranças armazenadas por ele à minha memória atual, cá estaria eu a escrever minha autobiografia de maneira subjetiva e objetiva. A partitura da vida estaria sendo tocada a quatro mãos. ‘As duas mãos dele são as do compositor. As duas outras mãos, as do intérprete, eu’ (Santiago, 2014, p. 29-30, grifo nosso).

Paradoxalmente, é dos ganhos e das perdas que o gesto criativo se alimenta (Souza, 2011), em especial, no que convém a Silviano Santiago e às nossas *Mil rosas roubadas*: um romance das ausências transformadas, pela égide do discurso, em presenças, como no caso da morte do personagem-protagonista Ezequiel Neves (amigo-companheiro da vida de Silviano tanto no romance quanto na realidade empírica) corroborada por um tumor cerebral – e, por consequência, a não conclusão da biografia sobre o narrador – e do apagamento do nome *próprio*/assinatura também do narrador. Esses acontecimentos elaborados pelo escritor no nível da ficção se inter-relacionam com o que Eneida Maria de Souza, em *Crítica cult* (2002) e *Janelas indiscretas* (2011), intitula de fatos da experiência interpretados como metáforas que dialogam com o que denominamos neste texto de escrevivência.

Dentre esses fatos, citamos a amizade, a morte, o amor, a perda, o luto, a sobrevivência etc. – elementos imbricados nas epígrafes apostas. Há, dessa forma, um enlaçar de demasiados eventos e acontecimentos, tomados enquanto metáforas, que regem tanto a vida (o *bios* do escritor) – dado que Zeca e Silviano foram, de fato, amigos na vida real-empírica – quanto sua obra que, (con)fundidas (Evaristo, 2017b), corroboram a rede de traços fundamentada e aquilatada ao que estamos chamando de escrevivência do autor Silviano Santiago. Em entrevista para o Caderno de Letras da UFF, Silviano explicita:

Uso e abuso dos dados acontecidos que me são oferecidos pela minha experiência de vida (autobiografia) e pela experiência de vida das pessoas que conheço (biografia). ‘Ponho-os a trabalhar no liquidificador da prosa literária, e no processo de estilização, escorrem mil rosas roubadas’. [...] Meu narrador é um biógrafo autobiógrafo, ou vice-versa. [...] É impossível escrever uma biografia que não seja minimamente autobiográfica. Elevei a contradição entre a terceira e a primeira pessoa ao extremo. Para tal, usei o gênero romance (Santiago, 2015, p. 11-12, grifo nosso).

Conforme o fragmento atesta, Silviano não abnega, tampouco mascara, a inserção dos dados autobiográficos em sua produção literária. Não só o seu *bios* é mote de criação artística, pois somam-se a ele as experiências das outras vidas que o atravess(ar)am, sejam essas de familiares, de amigos e/ou de amores, tal qual Ezequiel Neves fora. Todavia, essa contaminação pressupõe um processo de estilização em que um discurso é contagiado pelo outro intercambiando-se. Não se busca espelhar a vida na obra, mas estilizar uma e outra metaforizando-as pelo manejo discursivo do escritor enquanto “[...] um mentiroso que diz sempre a verdade” (Santiago, 2008, p. 178). Para Silviano, “Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra

³ Usamos a palavra ‘empírica’ para nos referirmos à realidade concreta em que estão inseridos os sujeitos de carne e osso, visto que neste texto trabalhamos com duas realidades que, metaforicamente, se entrelaçam pelo crivo da crítica biográfica: a empírica e a discursiva.

diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas [...] são as margens em constante contaminação” (Santiago, 2008, p. 174).

Esse intercâmbio biográfico-ficcional pontuado por Silviano a partir da perspectiva de margens que se encontram em constante contaminação imbrica-se com o conceito de con(fusão) entre escrita e vida ou escrita e vivência postulado pela autora brasileira Conceição Evaristo, dado que ela buscou: “[...] construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez [...] eu já buscasse construir uma forma de escrevivência” (Evaristo, 2017b, p. 9). É na esteira dessa percepção, alimentada também em nossa leitura pela crítica biográfica, que abalizamos nossas reflexões acerca da escrevivência de Silviano elevada a um *modus operandi* de produção literária com jogos de linguagens detentores de regras e procedimentos próprios. Conceição Evaristo assevera:

Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência⁴ (Evaristo, 2017a).

Compreendemos, dado o exposto, a literatura do autor mineiro como um exercício de viver e escre(vi)ver do crédito (Derrida, 2009) que foi aberto para si e constituído por redes de traços em que os conceitos norteadores desse texto – nome *próprio*/assinatura – estão inseridos. A abertura desse crédito autobiográfico-metafórico-ficcional possibilita que Silviano se aproprie da escrevivência como um modo de escrita em que predominam permutas e barganhas entre vida e obra realizadas pela inscrição de corpos, discursivos e ontológicos, que se escre(vi)vem mutuamente em um sujeito entendido, *a priori*, como unívoco; todavia, constituído, metaforicamente, de vários eus em um tempo presente que está sempre se refazendo e se narrando (Amaral, 2000). Isso se dá, sobretudo, na abertura do arquivo pessoal-sensível que Silviano realiza em *Mil rosas roubadas* ao apagar seu nome *próprio*/assinatura para que Zeca assumisse a posição de protagonista de seu presente discursivo-desarquivolítico (Derrida, 2001) desde a primeira linha do romance: “Perco meu biógrafo. Ninguém me conheceu melhor que ele.” (Santiago, 2014, p. 7). À vista disso, Silviano evoca o desejo do protagonismo de Zeca em sua vida:

Desde nosso primeiro encontro, não passou ele a ser – graças ao olhar de garimpeiro que punha em ação tão logo se aproximava de pessoa desconhecida que o desencaminharia – ‘a testemunha singular de todos os meus dias de vida? Minha testemunha de defesa, de acusação, de formatura, de viveiro, de vista, idônea, inidônea, direta, falsa, contraditória, suspeita, salvante’ [...] (Santiago, 2014, p. 18, grifo nosso).

Para Derrida, em *Otobiografías*, “[...] Nietzsche morre, como sempre, antes do seu nome”⁵ (Derrida, 2009, p. 70, tradução nossa). Nesse sentido, compreendemos que Nietzsche morre antes de seu nome, pois, segundo Bennington, o nome *próprio* leva em si a morte daquele que o carrega garantindo sua vida e guardando-o de e sobre esta (Bennington, 1996). Ademais, o texto escrito supõe a mortalidade dos escritores e é indiferente à morte portando um caráter inumano de sobrevivência ao nome *próprio* (Bennington, 1996). Dito isso, entrevemos que a escrevivência de Silviano suplementa a suposta falta que o apagamento do nome *próprio*/assinatura estabelecem, a partir de um diálogo na diferença do explicitado por Derrida, pois, se Silviano não se nomeia/assina explicitamente como narrador metafórico das *Mil rosas roubadas*, sua escrevivência dá conta de ultrapassar o suposto nome *próprio*/assinatura por meio dos jogos de linguagens autobiográficos engajados em sua produção literária.

O narrador de *Mil rosas roubadas*, em princípio, pode não ter nome *próprio* e não se assinar como Silviano Santiago, contudo, possui um arquivo que dá conta de suplementá-lo naquilo que ele mais faltaria. Nessa visada, ao invés de se perdurar o nome *próprio*/assinatura, haja vista suas condições de traços apagáveis, prolonga-se uma escrevivência sobrevivente a um amigo-amante-morto que, ainda portadora da ausência de um nome *próprio*/assinatura, possui memórias e, por sua vez, uma história que são presentificadas para narrar algo que não é só seu, mas, também de Zeca. Bennington, justificando nossos usos de ‘suposto’ e do *itálico* ao nos referirmos ao ‘nome próprio’, afirma:

⁴ Julgamos necessário fazer um adendo no que convém ao nosso uso do conceito de escrevivência para falar a partir de Silviano Santiago. Em sua primazia, Conceição Evaristo o utiliza para pensar a inter-relação entre o seu próprio *bios* e sua obra, uma vez que a condição de mulher negra fundamenta sua subjetividade. Entretanto, como a própria escritora ressalta, qualquer autor pode ser contaminado por suas subjetividades ao escrever. Isso posto, é a partir desse eixo de contaminação que nos valem da escrevivência para teorizar neste texto. Ademais, a preferência pelo uso da escrevivência neste artigo, e não (auto)ficção e/ou simplesmente (auto)biografia, se justifica, sobremaneira, pela premissa homo-biográfica imbricada na literatura do escritor mineiro ao narrar sua relação de amizade/amância/amor com o produtor musical Ezequiel Neves em *Mil rosas roubadas*. Da nossa óptica, esse particular fundamenta uma das bases essenciais e latentes da subjetividade de Silviano Santiago não só no romance em questão, mas na totalidade de sua literatura marcadamente homossexual.

⁵ “Nietzsche muere, como siempre, antes de su nombre”.

[...] ‘não existe nome próprio’. Isso a que denominamos através do ‘nome comum genérico de ‘nome próprio’ deve de fato funcionar, ele também, em um sistema de diferenças: este ou aquele nome próprio de preferência a um outro designa este ou aquele indivíduo de preferência a um outro e portanto se encontra marcado pelo traço desses outros [...] (Bennington, 1996, p. 80, grifo nosso).

Ainda de acordo com a passagem aposta, para que, de fato, o nome fosse próprio, haveria de existir apenas um único nome próprio e não demasiados nomes *próprios* (Bennington, 1996) perpassados pela ideia de traços apagáveis. O nome próprio (Bennington, 1996) deveria corroborar a passagem segura entre linguagem e mundo já que indicaria um indivíduo concreto e sem ambiguidades. Todavia, o sistema da língua se aquilata em formatações de diferenças e de traços que descaracterizam essa possível ‘segurança’ do nome próprio. Desse modo, o que intitulamos de nome *próprio* já é impróprio, por excelência, pois apaga o próprio que se promete, para Derrida (1995 p. 37), “– Salvo o nome que não nomeia nada que afirma [...]”.

A presença ou não do nome *próprio*/assinatura do narrador de *Mil rosas roubadas* não prejudica a narrativa levando em consideração que a escrevivência de Silviano ultrapassa tal apagamento. Perdura-se uma história de amor/amizade/amância, biográfico-ficcional, de sobrevivência a alguém que se am(ou/a). O que emerge desse evento são questionamentos sobre as possíveis razões, como as que viemos tecendo nesse texto, que levaram Silviano a adotar tal prática julgando pelo caráter altamente autobiográfico que suas produções literárias sempre contiveram como um *modus operandi* de escre(vi)ver.

O nome *próprio* despropria, desapropria, expropria (Bennington, 1996) e sua falta enquanto traço convoca não exclusivamente uma ausência, mas um olhar outro para a narrativa que se delineia. A princípio, onde Silviano mais perderia ao (tentar) se afastar e se apagar em virtude da tentativa de perdão à sobrevivência pós-Zeca, é ali, onde se presentifica a ausência, que se estabelece um ganho biográfico-literário na escrevivência das rosas roubadas pela morte. Escre(vi)ver é um jogo que, dentre suas regras, se encontram repetições, ausências, riscos de perdas, mortes, lembranças e esquecimentos. *Mil rosas roubadas* elucidam:

Ao recuperar o passado que é fruto da investigação detetivesca, a veracidade, produto do conhecimento factual, se soma à lenta e paciente acumulação do saber pela vivência. Com a ajuda dos holofotes da obsessão profissional, amarro a veracidade da descoberta ao saber vivido e me julgo capaz de reconstituir situações idas e vividas por nós dois – e apressada ou grosseiramente tidas como já esquecidas, ou a meio caminho do esquecimento definitivo (Santiago, 2014, p. 78).

Silviano, à semelhança de Derrida (1996), é um (não) nome cauterizado que ganha na história ao perder no nome, que como já expusemos, é impróprio e genérico. O mineiro cauteriza-se ao ser queimado pela dor da perda do amigo-amado e ter que infielmente sobreviver a ele, mesmo que com rastros, marcas e cicatrizes em seu corpo antes de biografado e, pós-Zeca, de (auto)biógrafo. Nesse sentido, ainda alicerçados por Derrida (1995, p. 42), entendemos que é necessário ir: “Lá, para o nome, para além do nome no nome. Para (aquele ou aquela) que resta – o salvo o nome”. O que resta, ‘grosso modo’, para Silviano, é o espectro presentificado discursivo-metaforicamente de Zeca em seu exercício (des)arquiviolítico de escrevivência-sobrevivência na tentativa de biografar-romanceando e/ou romancear-biografando Zeca e si mesmo mutuamente. No romance, o narrador assente:

No jogo de bilhar da amizade, a prerrogativa fora minha: eu o tinha sorteado para ser a eterna bola da vez. Que assumisse a condição. Eu não me quis sempre sob a forma do pronome ‘ele’ na sua frase? Nunca mais o terei como interlocutor ao vivo ou na página de papel. ‘Nunca quis a mim sob a forma de solitária primeira pessoa do singular, embora o tivesse na maioria dos dias’ (Santiago, 2014, p. 27-28, grifo nosso).

No bojo do afastamento do narrador em relação à (sua) primeira pessoa e, por extensão, à presença do (seu) nome *próprio*, entrevemos que este é só um nome, jamais um fim em si mesmo, ele é tudo exceto aquilo que ele objetiva e atinge (Derrida, 1995). Sendo assim, com base na citação supracitada, Silviano, em *Mil rosas roubadas*, avança o nome deixando que sua escrevivência atravessada pela amizade-amância-relacionamento homo-biográficos com Zeca se sobressaia para além de nomeações genéricas e limitadoras. O não se nomear convoca um gesto de metaforização em que o eu empírico Silviano se conjuga à morte como nome e ao seu eu discursivo-literário fundamentando uma escrevivência pulsante e latente. O nome nunca será o fim em si mesmo, dado que sua característica de traço presentificando ausências e apagamentos não o sustenta nem como origem nem como fim (Bennington, 1996).

Segundo Derrida (1996), sempre se pede perdão quando se escreve. Desse intento, entrevemos que Silviano (tenta) se retira(r) da cena discursivo-literária ao apagar seu nome *próprio*/assinatura, abrindo

brecha para uma interpretação que explicita um modo de (con)viver com a melancolia por sobreviver à morte de Zeca, pois, conforme Sándor Márai pontua no romance *As brasas* (1999) que epigrafa a obra *Mil rosas roubadas*, sobreviver à morte de alguém é um ato de infidelidade e de traição (Márai, 1999). De acordo com Roland Barthes em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1988), a ausência bem suportada não passa de um esquecimento facultado por um momento de infidelidade; essa seria a condição para sobreviver (Barthes, 1988). Sem essa viabilidade de existência pós-morte de um ente próximo, o enamorado morreria. Assim, para Silviano sobreviver a Zeca, fez-se necessário um gesto de fidelidade infiel, de uma presença na ausência, para que o mineiro pudesse viver em ‘memória do seu outro’ (Bennington, 1996):

Seja porta-voz dele! Seja nosso porta-voz! – disse a mim sob a forma escamoteada de consciência inesperadamente culpada e em busca de salvação eterna para a vida, para nossas duas vidas. A incumbência assumida te espera. O compromisso na hora da morte terá de ser cumprido. Custe o que custar. Você (continuava a conversar comigo) não conseguiu coletar pelas memórias todos os detalhes referentes ao último dia de vida de Zeca no Hospital São Vicente? [...] abro na minha memória o arquivo das suas próprias frases’ (Santiago, 2014, p. 58-59, grifo nosso).

Para Martin Heidegger (2015, p. 7), “Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra”. Desse modo, ainda que Silviano, tomado pela “[...] dor da perda enquanto uma articulação do rasgo e do dilaceramento [...]” de si (Heidegger, 2015, p. 21), tente reservar-se discursivo-literariamente em *Mil rosas roubadas* apagando seu nome *próprio*/assinatura, sua escrevivência escoltada pela morte de Zeca impõe-se como o próprio nome, pois ela grita mesmo no silêncio pelo crivo da incumbência biográfica assumida que o espera (Santiago, 2014) após a morte de Zeca, tal qual a citação anterior descortinou. Para Derrida (1995, p. 21), “[...] a morte é o nome”. Desse interim, vamos além: a morte não apenas é o nome, mas o fenômeno que, metaforicamente, rouba as mil rosas de Silviano e colabora, portanto, com o apagamento dos traços que constituem o nome *próprio*/assinatura do escritor mineiro. Tendo por base a reflexão posta, trazemos à baila os anseios do narrador frente a morte do amigo-amado e então biógrafo:

Não preparei e organizei toda a minha vida com a esperança de que ele não morresse antes de mim? Não a arranjei para que ele me sobrevivesse e se transformasse no meu biógrafo ideal? ‘Só ele seria capaz de manejar com destreza a lâmina do bisturi psicológico e dissecar, no meu futuro cadáver, a intimidade da vida com a ajuda da memória e das palavras’. [...] No quarto do hospital, ao vê-lo mártir da euforia em vida, ‘perco meu biógrafo’. Que eu me resigne ao doloroso e lentíssimo desembulhar da morte no corpo do velho amigo! (Santiago, 2014, p. 10, grifo nosso).

No plasmar dessa escrita biográfica de Silviano enquanto *modus vivendi* pós-perda, retomamos a ideia dos jogos de linguagens para pensá-los com base na proposta de que “O termo ‘jogo de linguagem’ deve salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou ‘de uma forma de vida’” (Wittgenstein, 1999, p. 35, grifo nosso). Para além dos jogos de linguagens como uma forma de vida, compreendemo-os, também, como sistemas necessários para as escritas das vidas, essencialmente, no que temos chamado de escrevivência. Dentre os exemplos citados pelo filósofo, há o ato de relatar e conjecturar sobre um acontecimento além da invenção e leitura de histórias (Wittgenstein, 1999). À vista do trecho do romance *Mil rosas roubadas* e das reflexões de Wittgenstein, compreendemos que ao Silviano ser quase que forçado a assumir o papel de biógrafo pós-morte de Zeca, esse fato se torna ‘a sua forma de vida’ perante o luto e a perda. Ou seja, uma maneira do então narrador e escritor mineiro não só de sobreviver à ausência do amado, mas, sobremaneira, de escre(vi)vê-la trazendo ao primeiro plano narrativo a importância salutar de Zeca na(s) sua(s) vida(s), sendo estas tão literário-ficcionais quanto reais-empíricas, uma vez que, no plano não-ficcional, o produtor musical morreu em 2010 também por um tumor cerebral.

Isso posto, ao nos indagarmos acerca dos jogos de linguagens estabelecidos por Silviano no romance *Mil rosas roubadas*, entendemos que afora o crédito aberto por Silviano para si em sua literatura, como já discutimos, outro possível caminho que se delineia nesse cenário é a constituição de redes de traços – em que o nome *próprio*/assinatura estão imersos – que aquilatam e compõem sua escrevivência para relatar, conjecturar, inventar suas próprias histórias disseminadas e contaminadas pela tessitura biográfico-literária. Derrida (2014) em ‘Freud e a cena da escritura’ compreende que:

[...] não há vida ‘primeiro’ presente que viria em seguida a proteger-se, a adiar-se, a reservar-se [...]. ‘É preciso pensar a vida como traço antes de determinar o ser como presença. É a única condição para poder dizer que a vida é morte’, que a repetição e o para além do princípio de prazer são originários e congênitos àquilo mesmo que transgridem (Derrida, 2014, p. 298-299, grifo nosso).

Sob a égide do pensamento derridiano que compreende a vida como um traço, soma-se a reflexão de que só há traços, “[...] pois todo traço é sempre traço de um outro traço” (Bennington, 1996, p. 60). Esses, encadeados, formam uma ‘rede de traços’ a partir da correlação entre linguagem, mundo e experiência (Bennington, 1996) que fomenta o delinear de escrevivências por meio das práticas de inscrições e desaparecimentos mútuos. Nesse viés, os elementos que as constituem, como o nome *próprio*/assinatura, não se fundamentam exclusivamente naquilo que é presente, mas também, no que se apaga e, por consequência, se ausenta (Bennington, 1996).

Diante disso, ressalta-se que os traços: “[...] não produzem portanto o espaço da sua inscrição senão dando-se o período de sua desapareição. [...] são constituídos pela dupla força de repetição e de desapareição, de legibilidade e ilegibilidade.” (Derrida, 2014, p. 331). Assim, em *Mil rosas roubadas*, há um traço de nome *próprio*/assinatura que assina a capa do romance por Silviano Santiago; todavia, isso se apaga no corpo da narrativa biográfico-ficcional devido à desestabilização das presenças e ausências instaurada pelos traços, tal qual neste fragmento do romance em que o narrador, destituído de nome *próprio*, afirma conhecer menos de si do que Zeca: “Teria sido sublime se Zeca tivesse transformado em escrita as lembranças [...] Se tal tivesse feito, ‘eu estaria aprendendo agora o que não soube e ainda não sei de mim’” (Santiago, 2014, p. 30, grifo nosso). Desse prisma, interpretar o nome *próprio*/assinatura contidos na capa do livro como uma possibilidade de inter-relação entre vida/obra e autor/narrador se dá tanto pelo crédito autobiográfico escreviente aberto pelo escritor mineiro quanto pela epistemologia crítica biográfica que nos respaldamos para estabelecer tais pontes metafóricas.

É preciso dar conta da escrita como traço sobrevivendo ao presente (Derrida, 2014), posto que ele se apaga por um só golpe (Amaral, 2000). O traço é a própria desapareição de si em razão de se constituir pela própria ameaça de sua desapareição irremediável (Derrida, 2014). Consequentemente, entendemos que não é possível que um traço seja indestrutível, pois a possibilidade de desapareição é um dos elementos que o compõe enquanto tal. Uma rede de traços pressupõe elementos que aparecem-desaparecem mutuamente fundamentando presenças nas supostas ausências – a questão do nome *próprio*/assinatura em *Mil rosas roubadas*, por exemplo. Portanto, se o traço é facilmente apagável e suscetível à desapareição, como confiar na estabilidade do nome dito *próprio*/na assinatura tendo em vista suas dimensões na qualidade de traços de uma escrevivência, indagamo-nos.

Dando sequência na discussão e já nos encaminhando para as reflexões finais a partir das relações entre nome *próprio*/assinatura, traços e escrevivência em *Mil rosas roubadas*, pontuamos que viemos utilizando os conceitos de nome próprio e assinatura quase como sinônimas por uma questão de ordem pragmática de escrita. Entretanto, ainda que suas conceituações sejam próximas nas ponderações de Bennington e Derrida, há uma diferença sobre a qual julgamos necessário debruçar-nos. A assinatura: “[...] é precisamente o que a distingue do nome próprio em geral, [ela] tenta recuperar o próprio que vimos desapropriar-se logo no nome” (Bennington, 1996, p. 108). Além disso:

O eu-aqui-agora implicado em toda enunciação, e perdido no escrito, é a princípio recuperado na assinatura que se opõe ao texto. ‘O ato de assinar, que não se reduz à simples inscrição de seu nome próprio [...], esforça-se por um rodeio suplementar, em reapropriar a propriedade já perdida no nome mesmo’ (Bennington, 1996, p. 108, grifo nosso).

A assinatura, portanto, se configura como uma “[...] promessa de memória, de porvir e, logo, de repetição” (Bennington, 1996, p. 115), visto que mesmo buscando recuperar aquilo que se perde de próprio do nome, ela ainda está imersa nessa rede de traços que se apagam/inscrevendo ao endossarem o que chamamos de escrevivência. O romance *Mil rosas roubadas* é assinado por Silviano Santiago na capa, o que conchama uma contra-assinatura da recepção (leitores e críticos), mas vem desprovido e apagado do nome *próprio* e da assinatura de seu narrador – ainda que, metaforicamente, ele possa ser interpretado como uma *persona* ficcional do próprio Silviano.

Posto isso, as diversas possibilidades de interpretações e conceituações propiciadas pela leitura como uma relação de assinatura/contra-assinatura (Bennington, 1996) nos permitem avançarmos a discussão teórico-epistêmica no romance de Silviano invertendo sua lógica das ausências as presentificando em presenças. Para nós, a falta do nome *próprio* e a não assinatura de Silviano enquanto narrador das *Mil rosas roubadas* é o que caracteriza seu nome. O apagamento do nome *próprio* e da assinatura é, nessa perspectiva, o (próprio) nome *próprio* e a (própria) assinatura de Silviano Santiago inscritos em uma escrevivência composta por traços e sobrevivente de maneira infiel ao ardor da morte de quem se amou tanto no nível da vida, quanto da obra.

Considerações finais

No quarto do hospital, ao vê-lo mártir da euforia em vida, ‘perco meu biógrafo. Que eu me resigne ao doloroso e lentíssimo desembulhar da morte no corpo do velho amigo!’ Não me resigno. [...] Diante do sofrimento confidenciado pela agonia silenciosa, pergunto-me se a lentidão que retarda o último dos batimentos cardíacos não é uma forma de pirraça sentimental do corpo (Santiago, 2014, p. 10-11, grifo nosso).

À guisa de conclusão e com base em um lócus de enunciação altamente contaminado pelo *bios* (metafórico ou não), neste artigo buscamos refletir da perspectiva teórica crítico-biográfica a partir da qual retomamos a figura do escritor mineiro pela chancela da escrevivência. Isso não se dá apenas ‘sobre’ Silviano e seu romance, mas, essencialmente, *a partir* do nosso entrecruzamento sensível-afetivo-crítico com o mineiro e as nossas *Mil rosas roubadas*. Nesse cenário, trabalhando com jogos de linguagens tangíveis à crítica do *bios* e evocando seus respectivos temas (vida, morte, sobrevivência, inscrição, apagamento etc.), explicitamos uma série de reflexões assentadas, sobretudo, nos conceitos-norteadores da discussão ensejada: nome *próprio*/assinatura, traço e escrevivência.

Tais conceitos, por sua vez, se inter-relacionam pelo diálogo que explicitamos compreendendo-os na qualidade de componentes do *modus operandi* de Silviano Santiago formatado a partir de redes de traços constituídas, dentre outros elementos, pelo nome *próprio* e pela assinatura. E é abalizado por essa lógica que buscamos alentar nossas reflexões sobre as supostas fundamentações do apagamento do nome de Silviano na inscrição do narrador de *Mil rosas roubadas*, visto a responsabilidade deste de (des)arquivar a narrativa de amizade, de amor e de sobrevivência do próprio Silviano, empírico-discursivo, pós-Zeca.

Como a epígrafe desta conclusão descortina, a obra *Mil rosas roubadas* é um romance da perda, da ausência e da falta *escre(vi)vidas* a partir das permutas e das barganhas entre a vida e a obra de Silviano. Contudo, como debatemos na articulação crítica exposta, as ausências do romance são presentificadas pelas redes de traços que o constitui. O traço não pode ser origem, nem o fim, ele, no que lhe diz respeito, desaparece-(re)aparecendo; por isso, ainda que Silviano apague sua assinatura do corpo literário, sua escrevivência o transpassa indo além e avançando o nome *próprio* que, como Bennington e Derrida comprovaram, de *próprio* não tem nada.

Referências

- Amaral, A. C. L. (2000). Sobre a memória em Jacques Derrida. In P. Glenadel, & E. Nascimento (Org.), *Em torno de Jacques Derrida* (p. 31-43). Rio de Janeiro, RJ: 7Letras.
- Barthes, R. (1988). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Bennington, G. (1996). Derridabase. In J. Derrida, & G. Bennington. *Jacques Derrida* (p. 11-218). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Derrida, J. (1995). *Salvo o nome*. Campinas, SP: Papirus.
- Derrida, J. (1996). Circonfissão. In J. Derrida & G. Bennington. *Jacques Derrida* (p. 11-218). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Derrida, J. (2009). *Otobiografías: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre próprio*. Buenos Aires, AR: Amorrortu.
- Derrida, J. (2014). Freud e a cena da escritura. In J. Derrida. *A escritura e a diferença* (p. 289-290). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Evaristo, C. (2017a). *Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’*. Recuperado de <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>
- Evaristo, C. (2017b). *Becos da memória*. Rio de Janeiro, RJ: Pallas.
- Heidegger, M. (2015). *A caminho da linguagem*. Recuperado de <https://www.docero.com.br/doc/en550>
- Márai, S. (1999). *As brasas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Nolasco, E. C. (2010). *Políticas da crítica biográfica*. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4486>

- Nolasco, E. C. (2018). *Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplina*. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>
- Santiago, S. (2008). *Meditações sobre o ofício de criar*. Recuperado de <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1450>
- Santiago, S. (2014). *Mil rosas roubadas: romance*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Santiago, S. (2015). *Entrevista com Silvano Santiago*. Recuperado de <http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/32>
- Souza, E. M. (2002). *Crítica cult*. Minas Gerais: BH: UFMG.
- Souza, E. M. (2011). *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Minas Gerais, BH: UFMG.
- Souza, E. M. (2016). Teorizar é metaforizar. In A. Cechinel (Org.), *O lugar da teoria literária* (p. 217-224). Criciúma, SC: Ediunesc.
- Wittgenstein, L. (1999). *Investigações filosóficas*. Recuperado de <https://pt.scribd.com/document/39100918/WITTGENSTEIN-Investigacoes-filosoficas-Os-pensadores>